

Anonímato

Poesia



Marcos Fábio Belo Matos

© 2024 Marcos Fábio Belo Matos

Todos os Direitos reservados a Marcos Fábio Belo Matos e seus herdeiros
Legais.

Título
Anonimato (1ª edição / 1990)

Autor
Marcos Fábio Belo Matos

Projeto gráfico, Diagramação e capa
José Neres

M433a Matos, Marcos Fábio Belo Matos
Anonimato - Poesia / Marcos Fábio Belo Matos
São Luís : JN Edições, 2024.
42 páginas.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Brasileira I. Título
CDD: B869.8



Marcos Fábio Belo Matos

The background of the cover is a surreal, ethereal illustration. It depicts a man in a dark suit and tie, seen from behind, standing in a vast, hazy landscape that resembles a desert or a dreamlike space. He is looking into a large, rectangular mirror that reflects his front-facing image. The scene is bathed in a soft, warm light, creating a sense of mystery and introspection. The overall color palette is muted, with soft blues, greys, and warm tones from the light source.

ANONIMATO

Poesía

São Luís - 2024

Que é poesia?
Uma ilha
cercada de palavras
por todos os lados”
(Cassiano Ricardo)

A Deus,
meu Onipotente;

A meus pais,
que me proporcionaram
o encontro com as letras;

A todos que, porventura,
venham a conhecer
meu trabalho.

“Não há genialidade.
Não existe inteligência
absoluta.
Gênios são todos aqueles
que se sobressaem
na monstruosa escala
de ignorância da humanidade.”
(Marcos Fábio)

SUMÁRIO

Prefácio	09
O poeta	10
Defeitos	11
Ontem	12
Dia	13
Pedaços de mim	14
Intocável	15
Miopia	16
Infância perdida	17
Exatidão	18
Caos	19
Tentativa	20
Abandono	21
Acaso	22
Ilusão	23
Anonimato	24
Separação	25
Oceanos	26

Fatalidade	27
Alvorada	28
Futuro	29
Parto	30
Causa	31
Portuenglish	32
Vida	33
Consequência	34
Marcas	35
Presença	36
Solidão	37
O teu amor	38
Cumplicidade	39
Sobre o autor	40

PREFÁCIO

A poesia é vida! Foi acreditando nisso que me lancei, um dia, às águas dos versos e estrofes, que me levaram a conhecer o meu íntimo e o do mundo.

Poetizando durante quase três anos foi que arquitetei meus temas, moldei minhas palavras, inventei rimas, ordenei frases nuas, envolvendo harmoniosamente tudo o que a retina pudesse fotografar.

E o resultado de todo esse trabalho lento e, sobretudo apaixonado, é que lhes apresento nesta publicação – a primeira e, certamente, não única.

Espero sinceramente que meus poemas possam dizer-lhes algo que lhes tenha proveito, pois essa é a minha recompensa mais benevolente.

Um último recado: absorva o que aqui está escrito e o critique e faça melhor do que eu, porque, se você vive, você poetiza: a poesia é vida!

Um abraço,

O autor.

O POETA

O poeta pode comer o Universo
Alimentar-se do vácuo da presença amada
Chorar sem prantidão
E suspirar perdidas noites
A buscar um nada

O poeta pode encher de colorido um branco
E degustando vomitar a farda
Pintar de amarela a cara do índio
Derramar-se qual um morto
À sombra de um desencanto

O poeta une paralelas
Desfaz a linha do horizonte
Critica o mundo num berrar menino
Torna alcançável o que parece longe

O poeta pode o impossível
Porque é dono do papel
Da arte e da caneta
Vestir-se de mendigo em rubra seda
Desvendar ao míope o que não é legível

O poeta é um operário dos sonhos.

DEFEITOS

Meu corpo nu, esquelético
Na areia da praia
Roça os grãos
Como que querendo encantá-los
As costelas bailam
Sob a pele parda e sardenta
Dedos finos e cascudos
Brincam com os mariscos
Que se amedrontam deles
Os olhos míopes e cinzentos
Tentam namorar o infinito
E a vasta cabeleira fúnebre
Recebe do vento sinais de descaso
A natureza não se completa em mim
E da sua magnitude não fui digno
E o protótipo do homem estirado na areia
Namora seus encantos
A distância.

ONTEM

O sol caiu e amanheceu
O pesadelo madrugal não me deixou conseguir ver
O que vivi outrora
Se comprei o pão fiado
Se deixei o troco
Se fui assaltado
Se gritei de fome
Se senti teu corpo
Se fiquei colado a ele e excitado
Se xinguei o mundo
Se berrei pro santo
Se vi o crepúsculo no sair da escola
Se peguei ônibus lotado
Se ao menos vim sentado ou apertado
Se cheguei vivo ou morri na esquina
Se comi ou vomitei o dia
Se benzi o corpo pra acalmar a alma
O sol caiu e amanheceu
E já nem me lembro o que se passou ontem
Como não lembrarei do hoje
Amanhã.

DIA

O ardor ardido arde arduamente
O suor suado sua suavemente
Corpos que carpem, correm, carregam
Vozes vazando, vazias, sem vez
O mundo minguando, miúdo e maltratado
A rede, a roça, a régua, a rosa e a rua
O rei reinando reinante
O homem humilde, humilhado
A tarde tardando
A noite anoitecendo, normalmente
E o sol saindo sem sentimentos
Escureceu, escuridão, escola de erros.

PEDAÇOS DE MIM

Abate-me a dor
Estraçalham-me os infortúnios viveres
Meus pedaços são lançados às tantas
Pedaços de mim
Raquíticos e míopes
Partes pensantes e marginais
Cabeças, troncos e membros
Nus e morenos
Deixados ao solo
Pra alguém que os queira
Os lamba, os junte
Um pouco de mim em cada um
Um sangue meu
Um filho da minha tristeza
Impiedosa que me desintegra
Me multiplica
E dilacera o homem
Que tinha medo de sofrer –

INTOCÁVEL

São,
Vou andando na estrada da vida
Com o mundo me moendo as carnes
Chupando os ossos
E degustando
Os restos de meu sangue ácido.

MIOPIA

Abro os olhos
E não sei onde deixei o mundo
As roupas e a carteira
Não consigo ver o que se passa
Nas ruas,
Favelas,
Penitenciárias e
Gabinetes políticos
Tudo é uma cortina negra
Que barra meus passos
E não me deixa prosseguir
Não ando,
Não como,
Não faço nada
Nada mais tenho e sou
Só me resta o grito:
Um óculos, por favor!!!

INFÂNCIA PERDIDA

Cadê a criança presa no âmagô?
Sumiu-se por entre os dedos
Escorregou com a tinta da caneta
No brando sujo do papel de poesia
Perdeu-se no mundo
Não encontrou abrigo
Nos orfanatos
Nas casas de família
Nas favelas
Nas zonas
Gritou por socorro
Sentiu fome e frio
Foi estuprada
Drogada
Usada
Virou marginal
Matou e feriu
Andou por noites vazias e escuras
Bebeu do vinho da solidão
E vomitou desespero
Até que,
Desprezada,
Veio ao meu encalço
E, ao encontrar-me,
Assassinou-me por vingança.

EXATIDÃO

Nas horas de provação
Eu te procuro
Nos instantes solitários
Te relembro
E no segundo em que a vida se exaure
Estendo para ti
Meus braços fúnebres.

CAOS

Imenso vazio que me envolve
Grande solidão que me devasta
Infinita sombra que me acompanha
Câmara de gás,
Bomba de nêutron
Vírus para meu suicídio
Sem dor e sem pranto
Sem cólera e sem martírio
Complemento malquisto da vida
Benevolência na minha hora de morte
Rival singular do bom, do puro e do santo
Praga da minha tristeza
Minha maior recompensa de pecado
Escuro do meu dia
Solidão de minhas solidões.

TENTATIVA

Essa folha branca me desafia a escrever
Mas de que jeito, se não há pensamentos?
Nem mesmo uma mísera ideia
A ser resgatada do inconsciente, onde vaga
O grafite passeia por todo o retângulo
Sem nome, sem certeza, sem destino
Aborrece-se e para
Deixando suas marcas num espaço de tempo
E a folha branca
Já não mais é virgem e pura
Já não mais é branca
E a poesia, que antes nem era gene
Nasce prematura, quase imperceptível
Fracá, raquítica, deformada
E se aloja na minha maternidade da poeta
Agora já é mais um semi-órfão
Do mundo das folhas e dos arquivos.

ABANDONO

Estou só com meus poemas
Órfãos sem mãe
Filhos sem sexo
Restos deformados pelo anonimato
Bocas gritantes sem eco
Palavras sem alfabeto
Corpos lançados às esquinas das ruas
Sem ninguém que os socorra,
Os ampare, os publique
Frutos encarcerados de um pensamento marginal
Meus poemas são sujos
Como sujo sou eu e é o mundo
Fedem pelo pecado da fraqueza humana
Sem voz, sem vez e sem xerox
São caminhos solitários
Virgens de passos
Prostituídos só pela palavra
Já pobre, já pronta, já poema
Dono de suas dores
E de seu autfracasso.

ACASO

Tu me pegaste pela mão
E me guiaste para o teu mundo
Desconhecido
Sinto-me como um cão sem matilha
Um mendigo sem praça
Um grito sem dor
Um nó sem laço
Envolvido nos teus braços
Maternos
Desejando-te possuir
No teu próprio reduto
Onde não sei quem sou
Nem o que faço
Apenas soluço
Vítima da tua solidão
E do meu destino ébrio.

ILUSÃO

Diante do teu retrato
Eu contemplo toda a tua castidade
E descubro a dança do teu corpo
No movimento frenético da rede

Tua imagem repete meus sonhos
Provoca meu mais súbito desejo
E me faz pecar em pensamentos
No movimento frenético da rede

Eu abraço teu sorriso
E beijo teus braços
E amo teus traços
No movimento frenético da rede

Adormeço em tua companhia
E possuo-te e a noite
E a manhã me revela fantasia
No movimento frenético da rede

ANONIMATO

Ando pelo mundo
Sem nome, sem fama
Como a ferida que inflama
Nas costas do vagabundo
(e ele não a sente)

Todos passam por mim sem cumprimentos
Sem apertos de mão, sem risos
E sem poder falar o que preciso
Adormeço no esquecimento

Sinto inveja do irracional
Que com sua linguagem tão estranha
Tira qualquer homem do normal

Olhando o meu horizonte
Vejo que faço parte de uma nova sociedade:
A dos parasitas pensantes.

SEPARAÇÃO

Eu acho que ficou
Ficou algo de belo e puro
Puro como frase de amor
Amor estampado em qualquer muro

Eu confundi sentimentos
Sentimentos para mim desconhecidos
Desconhecidos que ficaram até o momento
Momento em que descubro de ti não ser mais digno

Não sei como te dizer adeus
Adeus que me dói com tua falta
Falta por não ser mais teu

Sem mais lamento, sigo o caminho
Caminho que me leva não sei onde
Onde que espero não ter espinhos.

OCEANOS

Distante da terra
Éramos águas jorantes sem rumo
Onde nadavam criaturas egocêntricas
Mares distintos
Baías ordinárias
Nos encontramos
E nossos oceanos se cruzaram
Numa homogeneidade lírica
Hoje já não me defino
Minhas águas se perderam
E agora dançam nos fluxos
Do teu oceano de sonhos
De mares, de vidas.

FATALIDADE

Vagueio nas marés de minha solidão
Nos maremotos que ela me traz
E aporto em suas praias desertas
Desérticas de vida, de morte, de tudo
Férteis de saudade
Saudosas daquilo que jamais tiveram
A memória dói e clama
Clamores suspirosos, sôfregos, impacientes
Impaciência que chega e desgosta
Desgosto que extermina
Um extermínio de morte
Morte que soluça de pranto
Pranto que é vazio
Vazio que não mais é nada.

ALVORADA

Amanheceu
O sol já desponta ao longe
Forte, brilhante
Determinado a realizar
Mais uma vez
Seu cotidiano
O véu da noite
Foi-se por inteiro
Levando consigo
A toalha de estrelas
A humanidade dá
Seus primeiros passos matinais:
Jornaleiros, boias-frias
Motoristas, feirantes
O silêncio da madrugada
Cede lugar
Ao agito e barulho urbanos
Tudo rapidamente se transforma
Numa homogênea união
Homem-matéria
O mundo acordou
A fome acordou
A guerra acordou
A paz adormeceu.

FUTURO

O futuro é uma arma
É uma arma, é um arbusto
Que nos seduz e assusta
E nos abre as portas do seu precipício
Envolvendo-nos nas suas fantasias quiméricas
Fazendo-nos deliciar sem pessimismos
O futuro é noite e dia sem claridade
Labirinto sem saída
Que nos engole sem dor
Sem amor, sem pudor
Seja lá o que for(mos).

PARTO

Uma dor,
Um gemido
Outra dor.
Um grito
E mais um pra taxa de natalidade.

CAUSA

O nascimento do parente

É a alegria

É tristeza

É dor ausente.

PORTUENGLISH

The mon is shine
Como água cristalina
Recebendo raios
De um sol risonho

A noite cobre-se de beleza
the starts in the sky
sorriem para os homens
Que não as entendem

O mundo agora dorme
Ao som de músicas de ninar
The men are tired
De tantos sofrimentos

A brisa que dança
Traz-nos a paz
That walks on the streets
Sem ameaças ou medos

Mas o tempo acabou
E as estrelas se apagam
E o sol sai mansinho
E a lua se esconde
And the dream says: bye bye.

VIDA

Vivo

Vou vivendo

Vou vivendo vivo

Vivencio a vida

Vivendo e vindo

Vindo e vivificando

Vou a vida

E vivo vivo.

CONSEQUÊNCIA

Quando as pernas bambeiam

O suor esfria

A vista turva

O pulso agita

O sorriso foge

O coração abesta

Devaneia-se

O amor pare

E nos faz maternidade

MARCAS

Aquele céu
Aquele lua
Aquele noite
Pensamentos
Encantos
Desejos e
Delírios
Bocas sussurrantes
Palavras inebriantes
Promessas e juras
Vontade de ter
De possuir
De não esquecer
Não me esquece...

PRESENÇA

Estou aqui
Aqui estou
Aqui vivendo
Aqui ficando
Aqui sofrendo
Aqui penando
Aqui crescendo
Aqui pensando
Aqui moendo
Aqui mingando
Aqui desaparecendo
Aqui sonhando
Aqui envelhecendo
Aqui lutando
Aqui correndo
Aqui entristecendo
Aqui ecoando
Aqui estando
Estou aqui,
No vazio,
Mas estou aqui.

SOLIDÃO

Eu te procuro no espaço e no tempo
E não há mais a tua sombra
Teus ecos, teu hálito
Teu corpo e teus desejos
Sussurros e prazeres
Não há mais a tua poesia
Tua voz ou teu canto
Nem reflexos do teu pensamento
Não há mais o teu vácuo
Nem o teu vazio
Não há mais o teu nada
Onde eu procuro
Não te posso achar.

O TEU AMOR

O teu amor me enfeitiça
E me abre as portas quiméricas do teu precipício
Onde viverei para sempre
Nos braços da tua paixão
E me deleitarei
Na sensibilidade do teu seio
O teu amor é fogo
Que me queima as carnes
E seiva para o meu sustento
Cruz que carrego sem cansaço
Universo para a minha constelação de sonhos
O teu amor me seduz
E me faz esquecer do mundo
De tudo e de mim
Pra te colocar no pedestal
Do egocentrismo da minha vida
O teu amor me sufoca os sentidos
Na louca asfixia do desejo
O teu amor ... o teu amor me ama
De forma mais pura e estonteante
O teu amor vive por mim
O teu amor sou eu
Somos nós entrelaçados.

CUMPLICIDADE

Eu viajo nas asas de minha maior inimiga
Mas a única que me compreende
E nunca me deixa
Nem se aborrece de mim
Asas grandes e largas
Que não me permitem suicidar
Aparam meu vômito, escarros e catarreiras
Fluem minha dor
Suportando-me no meu mais louco
Momento de desespero
Estou preso a ela
Preso de umbigo
Onde quer que eu vá, vai comigo
O que quer que eu faça, faz por mim
Seja eu o que for, é eu
É irmã, é pai, é mãe, é avó, é madrastra
É tudo o que meu perfaz
É tudo o que se completa em mim
Carrasca e assassina sem perdão
É vida, é mundo e é eternidade
Está a cada dia no meu existir indigesto
Está só
Sozinha é eu.

SOBRE O AUTOR

Nascido em Bacabal, cidade interiorana do Maranhão, Marcos Fábio Belo Matos é graduado em Comunicação Social – Jornalismo (UFMA) e em Letras (IFMA). É especialista em Língua Portuguesa (FAMA), mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ), doutor em Linguística (UNESP) e pós-doutor pela UNISINOS. É autor e organizador de diversos livros e faz parte da Academia Bacabalense de Letras e da Academia Imperatrizense de Letras. É professor da Universidade Federal do Maranhão, instituição na qual já exerceu diversos cargos, inclusive o de vice-reitor.

Anonimato foi seu livro de estreia, publicado em 1990 e que só agora volta às mãos do público leitor.

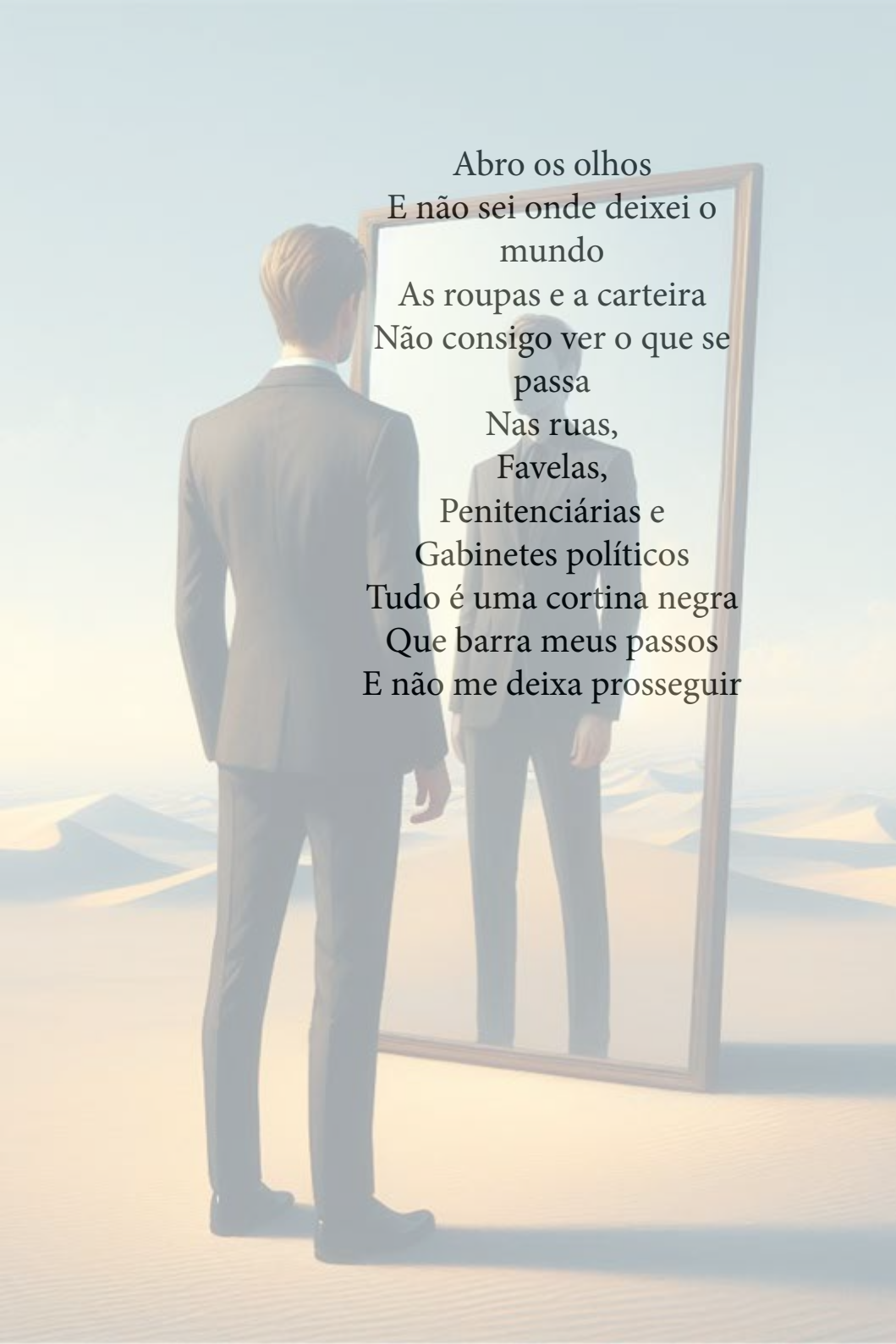


Capa original de *Anonimato*,
composta pelo design Marcelo
Henrique Lima Figueiredo,
em 1990.

“Que é o poeta”
Um homem
Que trabalha o poema
Com o suor do seu rosto
Um homem que
tem fome
como qualquer outro
Homem.”

(Cassiano Ricardo)

Este e-book foi composto em Papyrus 22
e em Garamond 13, em janeiro de 2024 -
Capa composta com auxílio de Inteligência
artificial

A man in a dark suit stands with his back to the camera, looking into a large, floor-to-ceiling mirror. The mirror reflects his image. The scene is set in a vast, flat, sandy landscape under a pale blue sky. The text is overlaid on the right side of the image, partially obscuring the mirror and the man's reflection.

Abro os olhos
E não sei onde deixei o
mundo
As roupas e a carteira
Não consigo ver o que se
passa
Nas ruas,
Favelas,
Penitenciárias e
Gabinetes políticos
Tudo é uma cortina negra
Que barra meus passos
E não me deixa prosseguir